

A vida das famílias e suas fases: desafios, mudanças e ajustes

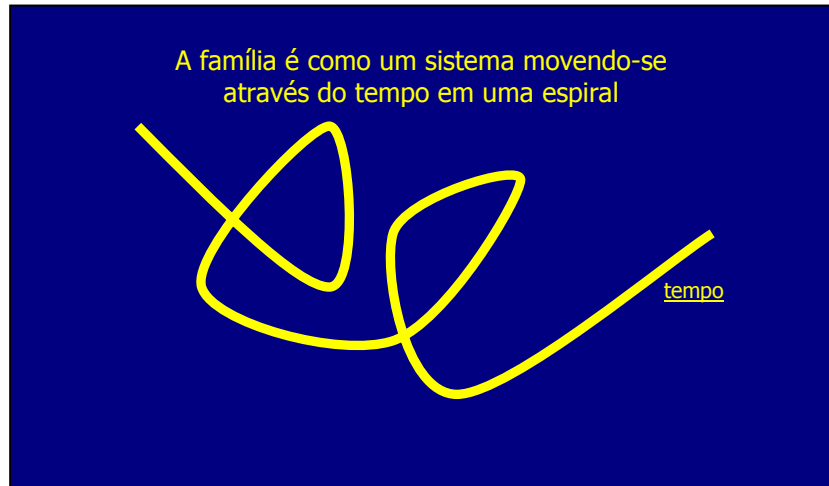
Claudia cacau Furia Cesar¹

A família é o lugar que dá origem à história de cada pessoa, é o espaço privado onde se dão as relações mais espontâneas. Não podemos escolher nossa qualidade de membro na família a não ser, talvez, pelo casamento. Ainda que possamos acreditar que é possível deixar de pertencer a uma família, rompendo os laços com a família de origem e não nos enveredando na constituição de outra, mesmo assim as lembranças e memórias de um convívio familiar ficarão como marcas em nossas histórias, podendo ser acessadas a qualquer momento. Vale lembrar que algumas pessoas acreditam que a família seja a unidade operacional que dura de nosso nascimento à morte (CARTER & McGOLDRICK, 1995).

As organizações familiares refletem a sociedade ao mesmo tempo em que atuam em sua formação. As mudanças sócio-político-culturais colaboram na reflexão sobre os padrões adotados para compreender a família, nos diferentes momentos da história da humanidade.

O ciclo de vida de uma pessoa acontece dentro do ciclo de vida familiar, que é o contexto primário do desenvolvimento humano, e suas intersecções vão constituir a trama da vida familiar. Com isto não há um ponto de partida predeterminado para compreender o ciclo familiar. Devemos levar em conta que a família é como um sistema movendo-se através do tempo, não de forma linear, mas como uma espiral.

¹ **Claudia Cacau Furia Cesar:** Doutoranda em saúde Coletiva/Unicamp, Mestre em Saúde Coletiva, Enfermeira de Saúde Pública, Terapeuta de Grupos, Casal e Famílias, membro do ITFCCamp, membro do Coletivo de Estudos e Apoio Paideia do Depto de Saúde Coletiva da FCM/UNICAMP.
Texto modificado do original: "Fases do Ciclo da Família" de Claudia Cacau Furia Cesar e Lucimara Perreira..
Revisão de texto de Juarez Soares Costa



É possível reconhecer diferentes padrões na organização das famílias ao longo do tempo, assim como diversas formas de relacionamento entre seus membros. Apesar destas diversidades, podemos também observar muitas características semelhantes ao longo do ciclo de vida das famílias.

Estas características semelhantes costumam ser chamadas de Fases do Ciclo de Vida das Famílias. Conhecê-las nos permite compreender melhor o modo como as famílias enfrentam e superam cada fase, tornando visíveis as dificuldades encontradas. O estudo destas Fases aos profissionais e também às famílias com quem trabalham, colaboram no entendimento e na busca de ações que contribuam para o seu desenvolvimento.

Segundo Nahas:

... quando a abordagem se focaliza também sobre as transições, sobre as mudanças descontínuas necessárias para enfrentar novas situações de vida, há uma escuta. As pessoas percebem que ou podem ficar paradas, estacionadas em determinado momento da vida, e isso provoca dor, sintomas em uma pessoa ou disfuncionalidade em toda a família. Ou então podem viver as mudanças como coisas previsíveis, aceitáveis, e então se tranquilizar (Nahas,1995,p.265)

Desde o começo da década de 50, os estudos de terapia familiar tem utilizado conceitos vindos da sociologia para explicar o desenvolvimento do ciclo de vida das famílias, tal qual a psicologia o fez com relação ao desenvolvimento do indivíduo. Foi em 1980 que Mônica McGoldrick e Betty Carter “escreveram sobre a sucessão de estágios do ciclo de vida na família americana de classe media, incluindo um enfoque tri-geracional, e descrevendo não só as tarefas de desenvolvimento inerentes a cada estágio, mas também as dificuldades de transição.” (idem,1995).

O trabalho de Carter & McGoldrick é um marco e vem sendo base de trabalhos clínicos que vão além da terapia de família. Alguns ajustes e adaptações para a realidade brasileira foram necessários, mas mantivemos a divisão didática do desenvolvimento familiar (conforme quadro abaixo) em seis estágios, baseado no trabalho das autoras.

1. Jovem solteiro
2. Família sem filhos
3. Família com crianças
4. Família com adolescentes
5. Família no meio da vida
6. Família no estágio tardio

Uma vez que a família é composta por diversos membros, em diferentes fases do seu desenvolvimento individual, as fases não são vividas de forma isolada. Há sobreposição de etapas, causando impactos significativos para a transição de uma fase para outra, conforme ilustramos nos relatos a seguir:

- A família de Jussara e Humberto se prepara para o casamento de Pedro, que tem 26 anos e acabou de se formar em medicina. Thais a filha mais nova, que tem 21 anos, vem apresentando comportamentos sugestivos de uso de drogas. Recentemente, D. Augusta, a tia de Humberto que sempre foi como uma “mãe” para ele, ficou viúva e teve que se mudar para a casa deles.
- Beatriz, 40 anos, é professora universitária e seu marido Joaquim é comerciante. Eles tem um filho de 12 anos e uma filha, Raquel, de 17 anos que acabou de entrar na Universidade em outro Estado. Recentemente Beatriz descobriu que estava grávida.

O primeiro relato sugere que a família esteja na fase família no meio da vida, com filhos saindo de casa. Mas, também podemos incluir a fase seguinte, o estágio tardio da vida, na medida em que D. Augusta passa a participar do cotidiano desta família. Mais à frente retomaremos cada uma destas fases, mostrando importância para família, como se dá o processo emocional de transição entre as fases e as mudanças qualitativas no status familiar necessárias para prosseguir o seu desenvolvimento.

Ao longo de seu ciclo de vida, as famílias vivem eventos que podem funcionar como estressores. Os estressores verticais são os “padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos para as gerações seguintes de uma família. São as atitudes, tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas familiares com as quais nós crescemos e convivemos (Bowen in Carter & McGoldrick, 1995).

Podemos também considerar como estressores verticais a história de cada família, seus mitos e medos, seus rituais e seus padrões de comportamento, que são transmitidos através de gerações de forma explícita ou não.

Um evento natural, como o nascimento do primeiro filho, pode se tornar um ponto de tensão familiar, trazendo um conjunto de reflexões para todos os membros do sistema familiar. “Do ponto de vista relacional, a situação requer a reorganização dos padrões de relação do casal com as famílias de origem e dessas com os seus filhos casados, agora pais, ao assumirem o papel de avós, havendo uma redefinição de regras de relação entre as gerações” (Coelho, 2007, p.298). A forma como cada membro vivenciará este momento pode gerar ou não um stress. Histórias relatadas ao longo da vida, sobre como deve ser recebido este novo membro, estarão presentes nas ações dos pais. Questões culturais e religiosas podem criar conflitos entre os próprios pais e suas famílias de origem, na medida em que façam escolhas reafirmando ou distanciando-se das heranças e valores comuns que constroem o senso de identidade familiar (Aun, 2007, Carter & McGoldrick, 1989).

Dentro os chamados estressores horizontais, temos as passagens de uma fase do ciclo de vida para outra, são eventos previsíveis denominados de desenvolvimentais. Há outros eventos que podem afetar o caminhar da família, trazendo desestabilizações, como doenças crônicas, acidentes, desemprego, mortes prematuras, entre outros. Na dinâmica familiar de Jussara e Humberto, podemos destacar dois eventos como estressores horizontais: o uso de drogas por parte da filha e a morte de um membro da família.



Quadro Baseado na Figura 1-1 ESTRESSORES HORIZONTAIS E VERTICAIS de Carter & McGoldrick, p.12.

As mudanças sociais no papel da mulher repercutiram no relacionamento dos diversos membros do sistema familiar. Ao mesmo tempo em que hoje em dia espera-se de uma jovem que se prepare para o mundo do trabalho, e que não seja dependente de um futuro companheiro, no futuro ela poderá ser cobrada pelos pais, pelo companheiro e muitas vezes por si mesma, porque retardar o momento de ter filhos ou por optar por deixá-los em uma creche, ao invés de parar de trabalhar para cuidar deles.

Esta contradição talvez possa ser explicada pela complexidade da sociedade atual, em que convivem diferentes gerações (bisavôs, avôs, pais, filhos e netos) que nasceram, viveram e vivem de forma diferente “a fertilidade, mortalidade, separações e divórcios, papéis de gênero aceitáveis, padrões de migração, educação, necessidades e recursos, e atitudes em relação a família e ao envelhecimento” (Carter & McGoldrick, 1989, p.13).

No segundo relato, temos várias fases do ciclo de vida sobrepostas. Ao olharmos a família a partir de Beatriz, vemos que ela vive ao mesmo tempo a fase de lançar os filhos para a vida para seguir em frente, a fase dos filhos adolescentes e também está (re) iniciando a fase de famílias com crianças. Se enfocarmos a

filha, Raquel, veremos que está começando a fase da jovem solteira saindo de casa, em que os desafios serão outros.

Os movimentos para dentro e para fora do sistema familiar são intensos. Há movimentos, que podemos chamar de centrífugos (a filha saindo de casa e o filho adolescente) que se contrapõem ao movimento centrípeto desencadeado pela chegada do bebê.

A vida de todas as pessoas é marcada pela alternância de períodos de construção ou de manutenção, intercalados por períodos de mudanças e transições, estes últimos mais ligados a momentos de desenvolvimento. As fases de mudanças e transições são potencialmente mais vulneráveis, pois questões até então sedimentadas são reavaliadas face às novas tarefas a serem desenvolvidas, exigindo mudanças descontínuas ao invés de pequenas alterações (COSTA, 2000).

Os períodos de aproximação em relação à família de origem – movimento centrípeto - assim como os períodos de afastamento – movimento centrífugo - ao longo do ciclo de vida familiar, são conceitos úteis para integrar o desenvolvimento do indivíduo, da família e eventos estressores.

Nos períodos de movimento centrípeto, a vida interna familiar é enfatizada. As fronteiras da família em relação ao mundo externo são estreitadas e as questões pessoais ficam em um segundo plano. Já nos períodos de movimento centrífugo, as fronteiras externas à família são afrouxadas, permitindo uma maior troca com o ambiente externo, aumentando a distância em relação à família de origem.

A predominância dos movimentos centrípetos e centrífugos varia ao longo das fases do ciclo de vida familiar. Quanto mais abertura a família tiver para realizar as mudanças necessárias para a passagem de uma fase a outra, maior a qualidade de vida do sistema familiar.

Em qual fase do ciclo de vida começa uma nova família? Podemos definir o início a partir do nosso nascimento, mas aqui escolhemos estabelecer o início a partir do momento que um jovem adulto sai de casa.

É importante enfatizar novamente que este recorte é aleatório e independentemente deste jovem sair literalmente da casa dos pais para uma nova moradia, ele deverá desenvolver as tarefas pertinentes a esta fase, a fim de seguir em frente com sua história.

Para ilustrar esta fase, escolhemos Raquel, a jovem de 17 anos do nosso segundo relato.

Ao mesmo tempo em que sua família de origem se prepara para chegada de um novo membro, o bebê, ela arruma as malas e parte para um vôo solo. Terá que lidar com outras responsabilidades – cuidar de si mesma sozinha, manter uma casa, administrar seu tempo de estudo e lazer sem a intervenção direta dos pais, mesmo que estes a ajudem financeiramente. Terá que gerir seu dinheiro no cotidiano e atender as novas demandas de um curso universitário em uma nova cidade. Ainda que ao longo da vida tenha aprendido com a família a ser independente, este é um momento de muitas descobertas sobre si mesma, sua família de origem e outros adultos.

<u>FASE DO CICLO DE VIDA FAMILIAR²</u>	<u>PROCESSO EMOCIONAL BÁSICO DE TRANSIÇÃO:</u>	<u>MUDANÇAS QUALITATIVAS NO STATUS FAMILIAR NECESSÁRIAS PARA SE PROSSEGUIR O DESENVOLVIMENTO</u>
1. JOVEM SOLTEIRO - SAINDO DE CASA	Desenvolver a responsabilidade emocional e financeira por si mesmo	<ul style="list-style-type: none"> a) Diferenciação da identidade em relação à família de origem b) Desenvolvimento de relacionamentos íntimos com adultos iguais c) Estabelecimento de uma identidade com relação ao trabalho e independência financeira
2. FAMÍLIAS SEM FILHOS - A UNIÃO DE FAMÍLIAS NO CASAMENTO	Comprometimento com um novo sistema familiar	<ul style="list-style-type: none"> a) Formação do sistema marital b) Realinhamento dos relacionamentos com as famílias ampliadas e amigos, para incluir o cônjuge

O tempo passa, e Raquel, como *Eduardo e Monica* da canção de Renato Russo (1986), “sem querer” encontrou Francisco. “E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer”. E passaram muito tempo juntos, até decidirem se casar.

Tornam-se uma família sem filhos, envolvida com a formação de um sistema conjugal, com o realinhamento dos relacionamentos com as famílias ampliadas e com os amigos de ambos. Regada pela paixão, esta é uma fase que deveria ser tranquila. Mas nem sempre é assim. A vida a dois possui uma nova dimensão e neste cotidiano, muitos outros acertos devem ocorrer (Carter & McGoldrick, 1995).

² quadro modificado a partir da TABELA 1-1 OS ESTÁGIOS DO CICLO DE VIDA FAMILIAR DE Carter & McGoldrick, p.17 - por Juarez Costa e Claudia Cacao Fúria Cesar.

Esta fase é caracterizada pela predominância de um movimento centrífugo em relação às famílias de origem, e ao mesmo tempo centrípeto em relação ao casal. Mesmo havendo a inclusão de amigos e os familiares, o foco está no casal, nas experiências e trocas da relação conjugal.

Se um casal se casa já estando grávidos, eles estão pulando uma etapa. Cada fase ou etapa do ciclo de vida tem tarefas específicas a serem desempenhadas, tanto tarefas de transição em relação à fase anterior, como as tarefas de adaptação à nova fase. Neste caso, eles terão que dar conta de duas fases do ciclo de vida ao mesmo tempo, o que fatalmente faz com que algumas mudanças e adaptações fique negligenciadas ou até mesmo não sejam realizadas, com conseqüências para o futuro deste casal.

Raquel e Francisco seguiram em frente, passando para a fase da família com crianças pequenas, e “mais ou menos quando os gêmeos vieram”, começaram as tarefas de ajuste do sistema conjugal para criar espaço para o(s) filho(s), unindo-se nas tarefas de educação dos filhos, nas tarefas financeiras e domésticas, buscando o realinhamento dos relacionamentos com a família ampliada, para incluir os papéis de pais e avós. Para alguns, esta fase não necessariamente gerará conflitos. Mas, não é incomum que questões não/mal resolvidas desta fase, aparecerem mais tarde na adolescência dos filhos.

<u>FASE DO CICLO DE VIDA FAMILIAR</u>	<u>PROCESSO EMOCIONAL BÁSICO DE TRANSIÇÃO:</u>	<u>MUDANÇAS QUALITATIVAS NO STATUS FAMILIAR NECESSÁRIAS PARA SE PROSSEGUIR O DESENVOLVIMENTO</u>
3. FAMÍLIAS COM CRIANÇAS	Aceitação de novos membros no sistema famílias	<ul style="list-style-type: none"> a) Ajustar o sistema conjugal para criar espaço para o(s) filho(s) b) Unir-se nas tarefas de educação dos filhos, nas tarefas financeiras e domésticas. c) Realinhamento dos relacionamentos com a família ampliada, para incluir os papéis de pais e avós.
4. FAMÍLIAS COM ADOLESCENTES	Aumentar a flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a independência dos filhos e a fragilidade dos avós.	<ul style="list-style-type: none"> a) Modificar o relacionamento progenitor-filho, para permitir ao adolescente movimentar-se para dentro e para fora do sistema familiar. b) Novo foco nas questões conjugais e profissionais dos pais (meia-idade) c) Começar a mudança no sentido de cuidar da geração mais velha.

Os gêmeos cresceram, chegaram à adolescência. Para Raquel e Francisco, é uma fase de investimento no da flexibilidade das fronteiras familiares, permitindo movimentos dos filhos para dentro e fora do sistema familiar, com presença e influência dos amigos e de outros modelos familiares. Surgem novas demandas e também a necessidade de outras negociações de limites e fronteiras para estes jovens.

Ainda nesta fase, não raro, a fragilidade dos pais/avôs fica mais evidente para os filhos, ainda que na forma de pré-ocupações e não necessariamente demandando cuidados diretos.

Esta é uma fase em que o casal vive uma situação conhecida como geração sanduíche: um olho cuidando dos filhos e outro dos pais. Onde fica o casal? Qual o espaço para as necessidades individuais e conjugais nesta fase, também conhecida como meia-idade? Vale a pena enfatizar que a manutenção do espaço do casal ao longo da vida familiar é um fator que favorece a superação das crises de transição de uma fase para outra, mantendo a qualidade de vida e do relacionamento familiar.

Recorro a musica de Gilberto Gil, *A Faca e o Queijo*, onde ele relata como as mudanças no família/casal na meia idade ocorrem e como podem ser enfrentadas. Aliás, esta é uma musica feita para sua mulher, Flora, exatamente nesta fase de vida: “Você reclama. Que eu não lhe faço uma canção. Acha que a chama. A velha chama da paixão. Não nos inflama mais. Com tanto ardor. Como na época em que éramos. A faca e o queijo [...] Você reclama. E eu sei que é só por reclamar. Como quem chama. Outra criança pra jogar. Seus jogos infantis. Ainda nos vejo como outrora. Faca e queijo, sim. Num tempo mais feliz “ (2008).

A canção faz uma conexão da meia-idade com a fase seguinte – famílias no estágio tardio da vida, onde uma das tarefas é manter o funcionamento e os interesses em si mesmo(a) e no casal, diante das mudanças físicas e emocionais da idade.

As famílias e casais que se encontram nesta fase terão que lidar concretamente com a incapacidade e morte dos pais. Esta mudança tem impacto não só para este casal, mas para seus filhos e rede social envolvida.

<u>FASE DO CICLO DE VIDA FAMILIAR</u>	<u>PROCESSO EMOCIONAL BÁSICO DE TRANSIÇÃO:</u>	<u>MUDANÇAS QUALITATIVAS NO STATUS FAMILIAR NECESSÁRIAS PARA SE PROSSEGUIR O DESENVOLVIMENTO</u>
5. FAMÍLIAS NA MEIA IDADE - LANÇANDO OS FILHOS E SEGUINDO EM FRENTE	Aceitar várias saídas e entradas no sistema familiar	<ul style="list-style-type: none"> a) Reorganizar o sistema conjugal como dupla b) Desenvolvimento de relacionamentos de adulto-para-adulto entre os filhos crescidos e seus pais c) Realinhamento dos relacionamentos para incluir parentes por afinidade e netos d) Lidar com incapacidade e morte dos pais (avós)
6. FAMÍLIAS NO ESTÁGIO TARDIO DE VIDA	Aceitar as mudanças de papéis geracionais	<ul style="list-style-type: none"> a) Manter o funcionamento e os interesses em si mesmo(a) e no casal, diante das mudanças físicas e emocionais da idade. b) Abrir espaço para um papel mais central para a geração dos filhos. c) Lidar com a perda do cônjuge, irmãos e outros iguais e preparar-se para a própria morte. Revisão e integração da vida

O estudo das Fases do Ciclo de Vida (FCV) de uma família é um dos recursos para a compreensão do sistema familiar. Ele se entrelaça com a história da própria família e de sua rede social. Ao estudarmos as FCV, mais do que apontar as dificuldades e/ou déficits, buscamos uma compreensão que permita que o sistema familiar se reorganize e encontre novas soluções para seus desafios.

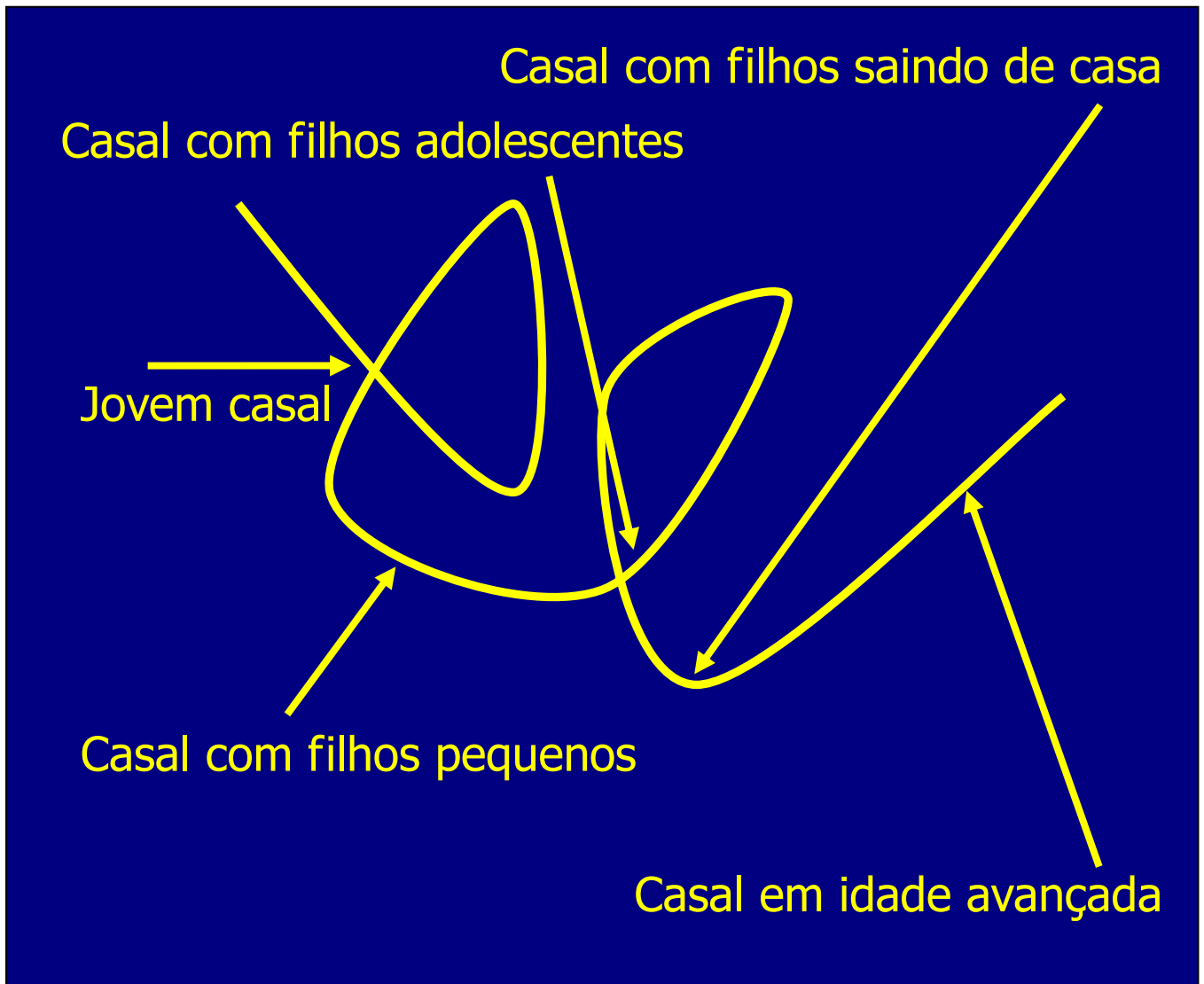
Este texto teve como propósito estimular a reflexão sobre o tema, gerar aberturas que devem ser aprofundadas, como o estudo dos estressores verticais e horizontais, das repercussões da morte na família, das doenças crônicas, separações, migrações.

A família, ao longo do tempo, se constituiu de formas diferentes, afetando e sendo afetada nas tarefas básicas de cada fase do ciclo de vida. Famílias extensas viviam as fases de formas bem distintas das de hoje. Há algumas décadas aceitava-se com certa “normalidade” o casamento de uma “mulher” de 12 anos; hoje este casamento seria objeto de muitos questionamentos, gerando estressores e desgastes familiares e na própria sociedade..

Na prática profissional é importante desenvolver junto aos clientes/usuários uma “leitura” sobre as fases de vida pelas quais cada família passa e verificar de que forma são vem solucionadas as adversidades, permitindo à própria família e ao

profissional novas visões sobre as potências e possibilidades para a resolução dos problemas.

Reconhecer que mais de uma geração está envolvida nos dilemas familiares e que possuem diferentes formas de compreendê-los (e, portanto de solucioná-los), possibilita a criação de oportunidades de conversação, ampliando a qualidade das relações.



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. AUN, JG. VASCONCELLOS, MJE. COELHO, SV. (2007) “**Atendimento Sistêmico de Famílias e redes Sociais**”, Vol II O processo de Atendimento Sistêmico TOMO II, Belo Horizonte, Ophicina de Artes & Prosa.
2. COELHO, Sonia (2007) “**A transmissão de padrões familiares: o ciclo de vida e recursos instrumentais**” in “Atendimento Sistêmico de Famílias e redes Sociais”, Vol II O processo de Atendimento Sistêmico TOMO II, Belo Horizonte, Ophicina de Artes & Prosa.
3. CARTER, (1995) “**As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar - Uma Estrutura para a Terapia Familiar**” - Porto Alegre - Artes Médicas - 2º Edição.
4. COSTA, Juarez S. (2007) “Doença Crônica e o Ciclo de Vida Familiar”.
<http://www.familia.med.br/textos.php>
5. GIL, Gilberto. (2008) “**O queijo e a faca**”, musica –
<http://letras.mus.br/gilberto-gil/316676/>
6. NAHAS, Rosemarie Rizkallah, (1995) “**Terapia Familiar e Transições no Ciclo de Vida**”, ANAIS Congresso Paulista de Terapia de Família – vol II, APTF-SP.
7. RUSSO, Renato, (1986) “**Eduardo e Monica**”, musica -
<http://letras.mus.br/legiao-urbana/22497/>